

# Alemanha Após as Eleições de Setembro de 2009

## *Germany After the Elections of September 2009*

SVEN PETERKE\*

Meridiano 47 n. 113, dez. 2009 [p. 12 a 13]

A popular chanceler e chefe da União Cristã-Democrata (CDU), Dra. Angela Merkel (55 anos), ficará mais quatro anos no poder. No entanto, que tem que ser visto como o verdadeiro vencedor das eleições do dia 27 de Setembro de 2009, é o Partido Liberal Democrático, que levou a efeito, no dia 27 de Outubro, uma coligação com o partido da Chanceler. Após 11 anos no poder\*, o Partido Socialdemocrático da Alemanha (SPD) sofreu uma grande derrota, que veio demonstrar a insatisfação do eleitorado alemão e que colocou em xeque seu caráter popular como partido.

No dia das eleições, somente 33,8 % dos eleitores alemães votaram na CDU: o 2º pior resultado do partido desde sua fundação. Não obstante, embora os alemães não possam eleger diretamente seu chanceler, eles fortaleceram Angela Merkel. Para entender esse presumível paradoxo, é necessário saber que, na Alemanha, cada eleitor tem dois votos: O primeiro serve para diretamente eleger um candidato de um partido político que, em um determinado distrito eleitoral, vai competir com outros candidatos a um único assento no Parlamento. O segundo voto é destinado para eleger um partido político. Quantos por cento o partido ganha, tantos assentos no Parlamento recebe. Contudo, caso ganhe mais mandatos com o 1º voto do que tem direito como partido, ele obtém assentos adicionais. Torna-se chanceler quem é eleito com maioria qualificada pelos parlamentares.

Os eleitores fizeram uso inteligente desta particularidade do sistema eleitoral alemão e deram 39,4% dos seus primeiro votos aos candidatos do CDU, que, conseqüentemente, recebeu 24 representantes adicionais. Assim, embora o resultado do partido tivesse piorado, ele ganhou 17 sedes a mais em comparação com as eleições de 2005, dispondo agora de 234

assentos. Ao mesmo tempo, mais do que um milhão dos eleitores que haviam votado na CDU com seu 1º voto, deram seu 2º voto ao FPD. Graça aos adicionais 500.000 votos recebidos do espectro político do SPD, este pequeno partido cresceu 4,8% e se tornou, com 14,6% (93 assentos), a terceira maior força política no novo Parlamento alemão (composto, ao todo, de seis partidos). Apesar do fato do seu presidente, o Dr. Guido Westerwelle (47 anos), não pertencer ao grupo dos políticos populares na Alemanha, este foi o melhor resultado na história do FDP. Dessa forma, os eleitores liberais-conservadores conseguiram se livrar dos social-democratas sem enfraquecer a Chanceler.

O SPD, por sua vez, recebeu apenas 23,1%. Em comparação com seu já fraco desempenho de 2005 (34,3%), ele perdeu 11,2%. Este resultado catastrófico foi, em primeiro lugar, devido à decisão de seus simpatizantes de simplesmente ficar em casa e não ir para as urnas (na Alemanha não há voto obrigatório). Aqueles grupos sociais que historicamente sempre confiavam na representação parlamentar do SPD, em particular, os trabalhadores, sindicalistas e desempregados, não viram razão para eleger novamente este partido. Ao mesmo tempo, os outros partidos também não representavam uma alternativa política para estes segmentos. Assim se explica a pior participação eleitoral (70,8%) desde a fundação da República Federal da Alemanha.

Além disso, o SPD perdeu muitos votos para o Partido Verde e a "A Esquerda" (Die Linke), chefiado por Oskar Lafontaine, ex-presidente do SPD, e que, em particular graças aos votos dos eleitores provendo de Berlim e da Ex-Alemanha Oriental, cresceu 3,2%, dispondo agora de ao todo 11,9% dos assentos no Parlamento. Com ele enraizou-se um quinto partido

\* Professor de Ciência Política e Direito Internacional Público no Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB (speterke@yahoo.de).

no sistema partidário alemão. Ao médio prazo, isto faz prováveis novas coligações entre três partidos. Habitualmente, na Alemanha só regem dois partidos (se consideramos a União Cristã-Social (CSU) meramente como partido-irmão bavário da CDU).

O Partido Verde recebeu 10,7% dos votos (mais 2,6% em comparação a 2005). Como a "A Esquerda", ele havia declarado que não queria formar um governo com Angela Merkel que, por sua vez, não considerou esses dois partidos uma opção política.

Dispondo agora de 330 dos 622 assentos no Parlamento, a base de poder do governo Merkel, eleito no dia 28 de outubro pelo Parlamento, pode ser considerado sólida. No mais, a CDU e o FDP possuem também a maioria no Conselho Federal – órgão com direito de participar da aprovação de leis que atingem os interesses dos estados federados. Essa situação possibilitaria mudanças políticas mais profundas, contudo, reformas radicais não parecem prováveis, uma vez que Angela Merkel não tem motivo, nem a necessidade de alterar as coordenadas principais do seu governo. Sua campanha eleitoral foi marcada por considerável falta de conteúdo político e visão administrativa, o que talvez explique o porquê do fato de que novos deputados do seu próprio partido não lhe deram seu voto. O FDP, por sua vez, será somente seu "parceiro junior", sem possibilidade de ter um candidato com a chance de ser um futuro chanceler e que não acontece com o SPD, cujo candidato, o Dr. Franz-Walter Steinmeier, era o Ministro das Relações Exteriores no último governo. Ele agora chefiará a bancada social-democrata no Parlamento.

O Dr. Guido Westerwelle é o novo vice de Merkel e também o novo Ministro das Relações Exteriores, campo político, onde ele possui pouca experiência. Após a sua designação como Ministro, Westerwelle exigiu publicamente a retirada das armas nucleares do território alemão, exigência que não se trata de um problema importante e atual das relações exteriores da Alemanha. Com isso, ele causou algumas "irritações" no governo dos EUA, cuja mídia chega a destacar preconceituosamente sua homossexualidade.

Parece seguro dizer, que a política externa da República Federal da Alemanha ficará essencialmente a mesma, embora uma surpresa positiva fosse que o Westerwelle visitou Polônia como primeiro país em

sua nova função, desta forma simbolicamente valorizando as historicamente complicadas relações com este vizinho importante. Por outro lado, espera-se uma posição mais clara contra a sociedade da Turquia na União Européia. Como mais de 2 milhões turcos moram na Alemanha, se trata de um ponto político também internamente de grande importância. No mais, é provável que as relações com a Rússia recebam outro "tom", menos cordial. Internamente também de grande importância será a futura estratégia quanto ao Afeganistão. Existe grande pressão no que diz respeito da retirada das suas tropas, decisão que os EUA não aceitariam de forma unilateral. Quanto ao Brasil, uma das primeiras tarefas do novo Ministro das Relações Exteriores será a nomeação de um novo Embaixador. Nos próximos meses e talvez anos, isto talvez for a principal novidade nas relações bilaterais entre os dois países.

As eleições de 2009 mostram que a maioria dos alemães não queria "change" e sim continuidade na política, apenas com algumas modificações. Merkel e Westerwelle não receberam um mandato para reformas radicais e nem tampouco querem fazer isso. No mais, as dívidas deixadas pelo último governo não permitem grandes reformas. Diante disso tudo constata-se, que na Alemanha não venceu, como talvez pareça, o Neoliberalismo nos tempos da crise financeira. Talvez essa a razão porque a bolsa alemã tinha sofrido queda no dia da eleição da Angela Merkel pelo novo Parlamento.

Recebido em 04/12/2009

Aprovado em 08/12/2009

**Resumo:** As eleições do dia 27 de setembro de 2009 renovaram o mandato da Chanceler Angela Merkel. Ao mesmo tempo que, introduziram profundas mudanças no sistema partidário alemão.

**Abstract:** The elections of 27<sup>th</sup> September 2009 have renovated the mandate of Chancellor Angela Merkel. At the same time, they have introduced major changes to Germany's party system.

**Palavras-chaves:** eleições na Alemanha, Governo Merkel.

**Key words:** Germany elections, Merkel government.